

NAS MARGENS DO ORINOCO

***À equipa missionária do Colégio Claret de Caracas: a todos os que vieram e ficaram,
apertando as mãos e mantendo o coração alerta.***

Aos que sonharam e não puderam ressuscitar os seus sonhos.

***E a todos aqueles que, apanhados na chama, começarão também uma aventura sem
precedentes,***

Nas margens do rio pai-nosso-Orinoco

Agora não é possível brincar com as palavras
e acender no céu
as estrelas cadentes que iluminaram
tantas noites únicas,
os dias trémulos,
junto ao clamor do rio,
no olho do tempo,
nas pupilas dilatadas
das aldeias em flor
sobre um papel de cenário.

O tempo é um tesouro nas nossas mãos,
barro suado
recriando a história
como um espaço aberto onde se aninham os sonhos,
como um rosto ignorado onde olhar a efigie
de uma voz aprisionada
na ferida da água.

Irmãos, companheiros, amigos:
para recomeçar a oração do tempo,
percorramos os últimos canais de sangue
onde o Orinoco navega
despertando sonhos
e escutaremos com surpresa
na margem trémula,
sob a sombra suave
de uma palmeira ignorada de buriti,
as últimas palavras de uma garça esquecida,
no gamelote de um beijo,
nas estrias de uma tarde ansiosa.

Não escutas o eco distante
de tantas vozes a pronunciar o nome
teu, meu, nosso... e canções

ao vento como garças libertadas
da prisão de um beijo?

E o rio em frente
que guarda as horas e o pulsar do coração,
iluminando a noite
com um clamor de estrelas
na canoa tranquila
de um abraço fraterno.

Não sentes o bater
de um coração maior:
indígena e mestiço renascendo...
crioulo e fraterno
na pele azulada de uma tarde intemporal?

E o rio ao fundo
sustentando as horas e o pulsar do coração,
iluminando a noite
com um clamor de estrelas
na canoa tranquila de um abraço fraterno.

E a flecha ardente
dos olhos que te fixam na calada de um grito,
num rosto sem horas,
num corpo rendido,
oração inédita de chuva
sem pele e com sotaque,
nas canções tecidas
ao amor de uma chama inextinguível?

E o rio atrás
sustentando as horas e o pulsar do coração,
iluminando a noite
com um clamor de estrelas
na canoa tranquila
de um abraço fraterno.

E não sentes as tuas mãos rendidas
apertando as mãos indulgentes
num rito ancestral
numa cerimónia de séculos
sob uma lua suave de um coração ardente?

E o rio em redor

segurando as horas e o ritmo
iluminando a noite
com um clamor de estrelas
na canoa tranquila
de um abraço fraterno.

Voltemos ao princípio,
vamos de novo
aos últimos canais de sangue
onde o Orenoco recolhe as suas últimas correntes
e desatar os nós
de um clamor contido
ou de um grito ansiado
no coração eterno do Delta.

Se o Orenoco chorasse
eu seria a sua penúltima lágrima
e tu talvez um grito desejado.

Selva do Orenoco 1992
Blas Márquez Bernal, cmf

